

1

Leonardo Ferreira Kaltner

2

Received: 10 December 2019 Accepted: 4 January 2020 Published: 15 January 2020

3

4 **Abstract**

5 The present study consists of an analysis of the grammar corpus within the horizon of
6 retrospection of S. José de Anchieta, SJ (1534-1597), based on the theoretical and
7 methodological basis of Historiography of Linguistics, within the scope of Grammaticography,
8 the History of Grammar. Bearing in mind that Anchieta lived in the heyday of Iberian
9 Renaissance humanism, a time of globalization of Western linguistic education, by European
10 navigations, I analyzed the climate of opinion and the possible influences that the Christian
11 humanist received, to write the Art of grammar of the most important language. used on the
12 coast of Brazil (1595), on the Tupinambás language. My historiographical description will
13 take place chronologically, dividing Anchieta's biography into phases, according to the
14 biography written by Hélio Viotti (1980), and investigating the possible sources and influences
15 of Anchieta's grammatical study in his performance as a teacher, grammarian and school
16 manager in 16th century Brazil. Throughout the article, I also describe the context of
17 production of the literary works that integrate the anchietan corpus, in an interpretation of
18 the Monumenta Anchietana. The purpose of the study is to support future researchs on the
19 intertextuality of the anchietan grammar with other 16th century grammars, constituting a
20 corpus of analysis.

21

22 **Index terms**— history of linguistics, linguistic historiography, grammaticography, sixteenth century, renaissance
23 humanism, history of brazil.

24 The Grammar Corpus in the Horizon of Retrospection of S. José De Anchieta, SJ (1534-1597) O quadro de
25 gramáticas na abrangência referencial de S. José de Anchieta, SJ (1534-1597)

26 **1 Dr. Leonardo Ferreira Kaltner**

27 Abstract-The present study consists of an analysis of the grammar corpus within the horizon of retrospection
28 of S. José de Anchieta, SJ (1534-1597), based on the theoretical and methodological basis of Historiography of
29 Linguistics, within the scope of Grammaticography, the History of Grammar.

30 Bearing in mind that Anchieta lived in the heyday of Iberian Renaissance humanism, a time of globalization
31 of Western linguistic education, by European navigations, I analyzed the climate of opinion and the possible
32 influences that the Christian humanist received, to write the Art of grammar of the most important language.
33 used on the coast of Brazil ??1595), on the Tupinambás language. My historiographical description will take place
34 chronologically, dividing Anchieta's biography into phases, according to the biography written by Hélio Viotti
35 (1980), and investigating the possible sources and influences of Anchieta's grammatical study in his performance
36 as a teacher, grammarian and school manager in 16th century Brazil. Throughout the article, I also describe
37 the context of production of the literary works that integrate the anchietan corpus, in an interpretation of the
38 Monumenta Anchietana. The purpose of the study is to support future researchs on the intertextuality of the
39 anchietan grammar with other 16th century grammars, constituting a corpus of analysis. Keywords: history
40 of linguistics, linguistic historiography, grammaticography, sixteenth century, renaissance humanism, history of
41 brazil.

42 Resumo-Consiste o presente estudo em análise do quadro de gramáticas na abrangência referencial de S. José de
43 Anchieta, SJ (1534-1597), pela fundamentação teóricometodológica da Historiografia da Linguística, no âmbito
44 da Gramaticografia, a História da Gramática. Tendo em vista que Anchieta viveu no apogeu do humanismo
45 renascentista ibérico, uma época de globalização da educação linguística ocidental, pelas navegações europeias,
46 analisamos o clima de opinião e as possíveis influências que o humanista cristão recebeu, para escrever a Arte

47 de gramática da língua mais usada na costa do Brasil (1595), sobre o idioma dos Tupinambás. Nossa descrição
48 historiográfica se dará de forma cronológica, dividindo a biografia de Anchieta em fases, de acordo com a biografia
49 escrita por Hélio Viotti (1980) Assim, a fundamentação teóricometodológica do presente estudo é embasada pelo
50 modelo analítico da Historiografia da Linguística 1 A História da Linguística no Brasil, entre os séculos XVI e
51 XIX, do início do processo de colonização, em 1500,até a transferência da corte portuguesa ao Rio de Janeiro em
52 1808, é um tema de pesquisa eurobrasileiro, cuja interpretação historiográfica, em uma concepção pós-colonial,
53 pode levar em consideração o tópos da colonização linguística, a partir de pressupostos dos Estudos Culturais
54 e da Linguística Missionária , em que a contextualização (KOERNER, 1996) é uma das fases de descrição e
55 análise do pensamento linguístico. 2 1 No Brasil, a área de Historiografia da Linguística (HL) é um campo
56 de investigação científica registrada na Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), representada pelo GT
57 da Anpoll de Historiografia da Linguística Brasileira, tendo sido o Centro de Documentação Historiográfica
58 (CEDOCH/USP) introdutor da disciplina no Brasil. O presente artigo se vincula à área de História de Gramática,
59 ou Gramaticografia, desenvolvido no grupo de pesquisa Filologia, Línguas Clássicas e línguas formadoras da
60 cultura nacional (FILIC/CNPq/UFF).

61 . 2 O posicionamento teórico reflete que grande parte do pensamento linguístico no Brasil quinhentista é
62 derivado do processo de Somente a partir de 1808 é que a produção linguística no Brasil pode ser considerada
63 como integrante de uma tradição nacional, com a inauguração de uma tipografia por D. João VI, ainda vinculada
64 à época a Portugal, porém, menos eurocêntrica.

65 O presente estudo está situado no âmbito da Gramaticografia 3 Dessa forma, nossa descrição historiográfica
66 se dará de forma cronológica, em relação à biografia de Anchieta, e às principais fontes gramaticais de cada
67 época, no contexto mais próximo à sua formação , isto é,da História da Gramática (CAVALIERE, 2012), tendo
68 como objeto de análise a abrangência referencial da época de Anchieta, que foi o autor da Arte de gramática da
69 língua mais usada na costa do Brasil (ANCHIETA, 1595). Dessa forma, conforme a prescrição do modelo teórico-
70 metodológico de Swiggers (2019), o estudo se desenvolve na perspectiva hermenêutica, para a interpretação das
71 possíveis fontes, modelos e influências da gramática anchietana, no sentido de estabelecer umcorpuscomparativo
72 de gramáticas quinhentistas, em momento anterior à investigação do fenômeno da intertextualidade.Dessa forma,
73 buscamos delimitar um cânon de gramáticas que poderiam servir ao trabalho comparativo, em etapa posterior.

74 Pelo fato de que Anchieta vivenciou um processo histórico complexo no século XVI, com grandes inovações e
75 transformações na educação e nas políticas linguísticas, que é o período de apogeu do humanismo renascentista
76 ibérico (KALTNER, 2019), descrevemos e analisamos o clima de opinião, com as possíveis influências, que o
77 missionário jesuítico, possivelmente, recebeu para escrever sua gramática. Note-se que a descrição da História
78 da Gramática de sua época, e análise da abrangência referencial, não significa que as principais fontes descritas
79 no estudo foram utilizadas diretamente por Anchieta, nem mesmo são possíveis correlações diretas entre as
80 gramáticas citadas sem uma análise intertextual detalhada. colonização, sendo o Estado do Brasil uma província
81 do império ultramarino português, que, a partir de 1548, contaria com um governador-geral em sua administração
82 (REGIMENTO, 1548). Os reinos europeus de então se configuravam como monarquias absolutistas e teocracias,
83 dessa forma, o processo missionário era extensão da administração colonial, em um sistema burcocrático
84 intrincado. 3 CAVALIERE, 2012, p. 218: "O percurso historiográfico da gramaticografia brasileira inicia-se
85 com a publicação do Epítome de gramática portuguesa(1806), do carioca Antônio de Moraes Silva (1755-1824).
86 Antes, pouquíssima produção linguística se atesta em solo brasileiro -no sentido não propriamente de obras
87 publicadas no Brasil, já que não as havia, senão de obras escritas no Brasil por autores brasileiros ou estrangeiros
88 -, tendo em vista a situação de extremado atraso socioeconômico da colônia portuguesa até a chegada da corte
89 de D. João VI em 1808. Podem-se citar apenasuns poucos textos linguísticos escritos em terra brasileira ao
90 longo dos três primeiros séculos da colonização, dentre eles a Arte degramática da linguagem mais usada na
91 costa do Brasil (1990 [1595]), de José de Anchieta (1534-1597), marco inicial da produção linguística brasileira
92 do ponto de vista historiográfico". linguística. Assim, dividimos a biografia de Anchieta em fases, de acordo com
93 o modelo biográfico de Hélio Viotti (1980), investigando as possíveis fontes de estudo gramatical de Anchieta, e
94 sua posterior atuação no Brasil quinhentista, como missionário, professor, gramático e gestor escolar. O tema foi
95 assunto de três estudiosos, sendo o debatedesenvolvido pelo classicista e humanista Américo Ramalho (1997,1998),
96 pelo historiógrafo Otto Zwartjes (2002) e pelo linguista Rolf Kemmler (2013), o que será debatido mais adiante.

97 Ao longo do artigo, buscamos também comentar o contexto de produção literária das obras de Anchieta,
98 os Monumenta Anchietana, relacionado suas principais obrasà cada fase de sua biografia, tendo em vista
99 que as obras literárias teriam tido provável finalidade didático-catequética no contexto do Brasil quinhentista,
100 conforme hipótese defendida em estudo anterior (KALTNER, 2019). O objetivo do artigo, portanto, é subsidiar
101 estudos posteriores sobre a gramática anchietana, delimitando um possível corpus comparativo para a análise da
102 intertextualidade de sua gramática com outras gramáticas vernaculares e latinas do século XVI.

103 Acreditamos que a tradição gramatical relacionada à abrangência referencial de Anchieta é aquela que sucedeu
104 a gramática especulativa, de caráter aristotélico-tomista, no mundo ibérico, sendo suas fontes principais as
105 gramáticas renascentistas, cunhadas pelos humanistas. Dessa forma, Anchieta desde o início de sua educação
106 linguística até a publicação da Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil, em 1595, teve como
107 provável modelo e influência o padrão grammatical vernacular e latino do humanismo renascentista, em sua recepção
108 no contexto cultural ibérico.

109 2 II.

110 A Infância De Anchieta e a Sua Educação Nas Ilhas Canárias (1534-1548) Em sua primeira infância, até a
111 adolescência, José de Anchieta viveu nas Ilhas Canárias, sob administração da coroa espanhola, sendo esse um
112 período de intensa atividade missionária na região, tanto por franciscanos quanto por dominicanos, e outras ordens
113 religiosas (VIOTTI, 1980). A população indígena guanche estava em processo de conversão ao cristianismo 4
114 Tenerife, compunha a classe da aristocracia local hispânica, sendo possuidora de laços com tradições culturais
115 biscoainhas e de cristãos-novos 5 Esse irmão de Anchieta, muito provavelmente, teve formação anterior à ida para
116 Coimbra. Se Anchieta o acompanhou na viagem, é provável que tivessem , em sua ancestralidade. Nesse aspecto,
117 a multiculturalidade era um traço de sua formação inicial, longe da Europa continental, mas integrada pelo
118 processo missionário e pelas navegações ao continente, em suas inovações culturais humanísticas e renascentistas.

119 Pelos biógrafos de Anchieta, pouco sabemos dessa época, porém, alguns fatos levantados por Hélio Viotti
120 (1980) . Se Anchieta teve o irmão como preceptor, tendo tido provável acesso às obras de Nebrija, ainda na
121 fase inicial de sua adolescência, não é de estranhar a sua facilidade na aquisição de línguas adicionais, como o
122 latim. Note-se bem que essa conjuntura é apenas uma hipótese, não havendo registro documental que a possa
123 comprovar, senão a análise intertextual e comparativa de sua obra gramatical com as obras de Nebrija.

124 O que podemos intuir é que na abrangência referencial de Anchieta, na primeira fase de sua vida, há grande
125 possibilidade de ter tido acesso à obra de Nebrija, direta ou indiretamente, ou talvez de outra obra de prestígio
126 da tradição humanística e cristã renascentista da época, como os Rudimenta grammatices de Nicolo Perrotti. A
127 mediação nos estudos iniciais de Anchieta, por seu irmão mais velho, Pedro Nuñez, é altamente provável devido
128 ao modelo educacional de preceptoria à época, assim como também é provável que Anchieta tenha estudado no
129 colégio dos dominicanos em Tenerife como cita Viotti (VIOTTI, 1980).

130 Viotti levanta a hipótese de Anchieta ter estudado no colégio dos dominicanos, o que é plausível, pois aos
131 catorze anos seguiria para uma estadia em Coimbra, sendo oriundo de uma família que investia seus recursos em
132 educação. Na abrangência referencial da época e no contexto das Ilhas Canárias, com o domínio espanhol sob a
133 coroa da Casa de Habsburgo, a Casa da Áustria, a educação humanística hispânica era fomentada em conjunto
134 com a prática missionária. Se o colégio dos dominicanos das Canárias estivesse atualizado pelas inovações da
135 época, não é de todo impossível que a obra de Nebrija fosse desconhecida dos estudantes que ambicionavam
136 estudos universitários no continente europeu. Se Anchieta não teve contato diretamente com a obra de Nebrija, a
137 gramática de castelhano e a de latim, estudando com os dominicanos, é possível que tenha tido contato indireto,
138 através de seus familiares, como seu irmão, que se preparava para os cursos superiores de teologia em Coimbra.
139 O fato de que Anchieta é descrito como um excelente aluno de latinidades, no Real Colégio das Artes, nos leva
140 a intuir que a sua educação linguística na infância e no início da adolescência, até os catorze anos de idade, nas
141 Ilhas Canárias, teve a influência de alguém mais adiantado em seus estudos humanísticos.

142 Como as Ilhas Canárias eram domínio da coroa de Castela, os Habsburgos sob o reinado de Carlos V, e estivesse
143 dentro de um contexto missionário em sua ocupação hispânica, é provável que os avanços da Universidade de
144 Salamanca, notadamente as obras de António Nebrija tenham chegado aos colégios missionários da região, que
145 possuía missões dominicanas e franciscanas. Pela produção linguística de Anchieta, o clima de opinião de sua
146 época, em que se desenvolvia a tradição humanística nos reinos ibéricos, há grande possibilidade de que tenha
147 sido alfabetizado cedo, inclusive em língua latina, antes de chegar à Coimbra, pois o conhecimento de diversos
148 gêneros literários está patente em sua obra poética lírica posterior.

149 Dessa etapa da vida de Anchieta, pouco se sabe e o que há são conjecturas, hipóteses. Porém, pelo sucesso no
150 Real Colégio das Artes e pela produção literária posterior, é bem plausível cogitar que a educação linguística de
151 Anchieta foi precoce, vinculada ao seu irmão mais velho Pero Nuñez que o acompanhou em Coimbra, como um
152 tutor. A criação de dioceses nas Ilhas Canárias e o processo missionário com a população de etnia guanche da
153 região foram observadas pelo jovem Anchieta, o que pode ter influído, posteriormente, em seu trabalho missionário
154 na América portuguesa.

155 3 III.

156 4 A Adolescência De Anchieta e a Educação Humanística Em 157 Coimbra (1548-1553)

158 A ida de Anchieta para Coimbra, aos catorze anos de idade, marca a etapa posterior à pacata infância e
159 adolescência nas Ilhas Canárias do século XVI. Anchieta chega à cidade lusitana para estudar no Real Colégio das
160 Artes, em 1548, no ano de inauguração da instituição, após profunda reforma educacional e cultural empreendida
161 por D. João III (DIAS, 1969). É a época em que a educação humanística, sobretudo a escola francesa, passa a
162 ter relevo em Portugal, com André de Gouveia e os mestres bordaleses.

163 Os relatos desse período da vida de Anchieta são menos escassos, conforme Viotti nos apresenta, sobre a ida
164 de Anchieta para Coimbra, de que há registros e fontes documentais: "em Coimbra se distinguiu ele desde logo
165 entre os melhores alunos de sua classe, possuindo grande facilidade para a poesia latina, razão pela qual lhe
166 deram os colegas o apelido, alusivo igualmente à sua pátria, de canário de Coimbra". (VIOTTI, 1980, p. 29).
167 Anchieta, além do curso de gramática e de Humanidades, também estudou Filosofia em Coimbra, prosseguindo
168 seus estudos, após ingressar em 1551 na Companhia de Jesus: "como noviço, prosseguiu no Colégio das Artes seus

4 A ADOLESCÊNCIA DE ANCHIETA E A EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA EM COIMBRA (1548-1553)

169 estudos, já então de Filosofia" (VIOTTI, 1980, p. 29). A informação de Viotti deriva de Simão de Vasconcelos,
170 e o ensino de filosofia à época se refere, sobretudo, às obras de Aristóteles que compõem o "rganon.

171 A tradição gramatical da época de Anchieta em Coimbra reflete as inovações tipográficas e a descrição do
172 vernáculo, além de uma renovação dos estudos latinos, a que Anchieta passaria a ter acesso. O contexto político
173 e social, porém, era de um profundo embate teórico, entre setores do Tribunal da Inquisição os mestres bordaleses.
174 É provável que Anchieta tenha começado a estudar português em Coimbra, sendo as obras de João de Barros as
175 mais difundidas nesse período, em sua abrangência referencial.

176 O irmão de Anchieta, Pedro Nuñez, foi à Universidade de Coimbra cursar Cânones, logo deve ter atuado
177 como tutor do jovem Anchieta, até que se integrasse no Real Colégio das Artes. Consta, nos raros registros
178 biográficos, que Anchieta foi aluno do humanista Diogo de Teive, a partir de quem, provavelmente, desenvolveu
179 seu profundo conhecimento de latim, com formação literária humanística. Em relação à gramática latina,
180 entre os mestres bordaleses era patente o uso da gramática latina de Despauterius, por influência de Erasmo de
181 Roterdã (NAVARRO, 2000).

182 A datação do período educacional de Anchieta no Real Colégio das Artes não é precisa, oscilando geralmente
183 entre 1548 e 1551, ou 1553. No ano de 1551, Anchieta ingressou na Companhia de Jesus, cumpre salientar que
184 havia um vínculo de parentesco entre sua família e à de S. Inácio de Loyola, o que poderia ter motivado o ingresso
185 na ordem religiosa. Consta que além do curso inicial de Humanidades, ou Letras, cujo escopo era o estudo de
186 gramática latina e literatura clássica, no Real Colégio das Artes de Coimbra, além dos estudos de Filosofia,
187 supracitados.

188 Anchieta passou o ano de 1552 adoentado, possivelmente afastado dos estudos no Real Colégio das Artes
189 (VIOTTI, 1980). Em virtude de seu estado de saúde, em 1552, o jovem humanista provavelmente passou por
190 uma temporada de reclusão, em que pode ter se aprofundado nos estudos teológicos iniciais, que marcariam
191 também seus votos para o ingresso na vida missionária. Dessa forma, acreditamos que a prática religiosa passaria
192 a ocupar sua rotina como estudante. Já no ano de 1553, Anchieta foi enviado ao Brasil, como missionário,
193 integrando uma comitiva de missionários e administradores para a colônia na América portuguesa.

194 Ainda que Ramalho (1997, 1998) e Navarro (2000) citem diversas gramáticas latinas, gregas e até de Hebraico,
195 na abrangência referencial de Anchieta, como as de Pastrana, Estevão Cavaleiro e Clenardo, acreditamos que
196 o curto tempo e o cenário político não teriam sido propícios ao estudo gramatical com diversas obras, ainda
197 que seja possível que Anchieta tenha tido acesso a essas obras direta ou indiretamente, por seus mestres e
198 preceptores. Um exame mais detalhado da intertextualidade da gramática anchieta pode comprovar a leitura,
199 ou pelo menos a recepção indireta de um corpus mais amplo de gramáticas, porém, em um exame preliminar
200 biográfico, acreditamos que as obras de Nebríja, João de Barros e Despautério possam estar mais próximas à
201 educação humanística de Anchieta.

202 Rolf Kemmler (2013) apresenta um quadro bem diverso das gramáticas de tradição latino-portuguesa da
203 época, editadas em Portugal, o que nos permite uma visão geral do clima de opinião. Embora algumas das
204 obras tenham sido editadas em Portugal após a estadia de Anchieta em Coimbra, a lista de Kemmler nos mostra
205 como se desenvolveu a tipografia portuguesa, algumas das obras poderiam circular em edições estrangeiras ou
206 mesmo manuscritas na época de A partir da chegada de Anchieta ao Brasil, na capital São Salvador em 1553,
207 há um maior registro biográfico de sua atuação e obras, quando se inicia sua atividade missionária e a sua
208 produção epistolográfica. Anchieta desembarca em São Salvador, a única cidade da América portuguesa, em uma
209 comitiva de missionários jesuítas para o Brasil. O governo-geral já está instalado e o contexto de sua chegada
210 está relacionado ao início do período de Duarte da Costa, segundo governador do Estado do Brasil.

211 A partida de Anchieta para São Vicente e a fundação de São Paulo são marcas em um novo projeto colonial
212 no Brasil quinhentista, fatos que ocorrem em 1554, levando a uma expansão territorial ao sul a colônia que
213 teria a capital em São Salvador: Que vinham fazer os jesuítas em Piratininga? Consagrarse -diz Anchieta -à
214 "conversão do Brasil". Para isso, contudo, teriam bastado ali, no momento, dois catequistas e um mestre-escola
215 para os corumins repatriados. Pelo que toca à maioria dos recém-chegados, havia outra finalidade: "o estudo
216 da Gramática". Uma nova missão e o primeiro "colégio" dos jesuítas no Novo Mundo, eis o que se instalou em
217 Piratininga, a 25 de janeiro de 1554. A coincidência do dia da chegada e da primeira missa fez com se chamassem
218 "Colégio de São Paulo" (VIOTTI, 1980, p. 58).

219 A política missionária já estava em curso, desde o início do século XVI, no início, não oficialmente, com
220 missionários franciscanos, e após o Regimento de Tomé de Souza, em 1548, oficialmente com a presença dos
221 jesuítas. Manuel da Nóbrega se tornaria o provincial e, brevemente, teria início o terceiro governo-geral de Mem
222 de Sá. Essa fase da vida de Anchieta se caracteriza por ser o início de sua produção intelectual, seja pelas
223 missivas, pela poética, e principalmente, pela redação de sua gramática, que se dá entre 1554 e 1556:

224 No trato com os corumins, que em São Vicente haviam aprendido alguma coisa do Português (e aos quais
225 deve ter Anchieta ensinado desde o princípio, como certamente o fazia em agosto), no contato com os índios de
226 Piratininga e, com o auxílio de alguns de seus discípulos, sobretudo Pero Correia e Manuel de Chaves, em seis
227 meses apropriou-se dos segredos do Abanheenga. Antes do ano de 1556, havia já redigido a sua Gramática da língua
228 mais usada na costa do Brasil. Levada por Nóbrega nesse ano para a Bahia, facilitou ela extraordinariamente a
229 aprendizagem da língua geral pelos novos missionários recém-vindos da metrópole (VIOTTI, 1980, p. 61).

230 Em 1554, Anchieta havia iniciado as suas atividades de docência em São Paulo, com a fundação da primeira
231 escola jesuítica na região. Mesmo com uma total falta de recursos, acreditamos que essas classes iniciais, de ler

232 e escrever e de gramática, eram inspiradas nas aulas do Real Colégio das Artes de Coimbra, cujo objetivo para
233 Anchieta foi a composição de sua gramática, que já estaria composta em 1556, segundo registros de cronistas e do
234 próprio Anchieta (ANCHIETA, 1990). Não havia tipografia no Brasil quinhentista, e a circulação do conhecimento
235 se dava por manuscritos. Note-se que em 1555 os franceses iniciavam a ocupação da Baía de Guanabara, na
236 tentativa de colonização que ficou registrada para a posteridade como França Antártica, tendo perdurado até
237 1567.

238 A gramatização do idioma dos tupinambás se dava por influência de um superstrato latino-português 7
239 7 Cavaliere defende a hipótese de um superstrato português na gramatização do idioma dos Tupinambás
240 (CAVALIERE, 2001), apenas acrescentamos o adjetivo latino, tendo em vista haver metatermos latinos na
241 gramática anchieta. , tendo em vista que a metalinguagem anchieta revela o uso do vernáculo para a
242 descrição da língua de contato, com o uso de metatermos da gramática latina renascentista. Acreditamos que
243 nesse período de docência de Anchieta em São Paulo a principal obra em que trabalhou foi a sua arte grammatical,
244 a Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil (1595), juntamente com a tradução da doutrina
245 cristã, o que é registrado entre os anos de 1554 e 1556. Acreditamos que a obra circulasse entre os missionários
246 como manuscrito, até a sua publicação final na tipografia conimbricense, em 1595. Em São Vicente, no ano de
247 1560, Anchieta conclui a redação da Epistola quam plurimarum rerum naturalium quae S. Vicenti (nunc S. Pauli)
248 provinciam incolunt, outra produção digna de menção.

249 Outra obra que foi escrita por Anchieta nessa época é o poema épico De Gestis Mendi de Saa, que narra
250 o primeiro triênio do governo-geral de Mem de Sá, com eventos históricos ocorridos entre 1557 e 1560. A obra,
251 escrita em latim renascentista, teve a sua editio princeps publicada pela tipografia de Coimbra em 1563, logo
252 deve ter sido escrita por Anchieta de 1557 até o ano de 1562, provavelmente após a conclusão da gramática e
253 da tradução da doutrina cristã. Como se trata de composição em latim, inspirada em Virgílio, em um modelo
254 próximo à obra em prosa escrita por Diogo de Teive, acreditamos que reflete os anos iniciais de docência de
255 latim por Anchieta, que, durante cerca de oito anos, se dedicou a essas duas importantes obras: a gramática e
256 o poema épico, ambos publicados em Coimbra. As intensas atividades missionárias e de docência de Anchieta
257 ocorriam juntamente com a sua produção literária, sendo esse o período em que se dedica, sobretudo, às obras
258 líricas, dramáticas e históricas. Ao final do período, Anchieta escreve um texto que sintetiza todas as ações
259 missionárias jesuíticas de que teve notícia no Brasil quinhentista, sendo fonte imprescindível para se conhecer
260 a época a Informação da Província do Brasil para nosso Padre, de 1585. Note-se que, a partir dessa época,
261 há a chegada oficial de outras ordens religiosas no Brasil quinhentista, tendo em vista o contexto político ser a
262 administração do Brasil quinhentista vinculada à União Ibérica.

263 5 V. Os Estudos

264 No ano de 1587, em visitação de Anchieta à Niterói, na Igreja de São Lourenço dos Índios é encenado o Auto
265 de São Lourenço (ANCHIETA, 1977), obra literária singular, trilíngue, em português, espanhol e no idioma
266 dos Tupinambás, que narra as perseguições a cristãos na época do império romano e o martírio do santo. Esse
267 momento ímpar na história da América portuguesa marca a época final de suas atividades missionárias, iniciando
268 Anchieta seu retiro para uma vida mais ascética e meditativa, no Espírito Santo, realizando, contudo, visitações
269 a outras missões.

270 6 VII. O Período De Retiro E Visitações No

271 Espírito Santo ??1588) ??1589) ??1590) ??1591) ??1592) ??1593) ??1594) ??1595) ??1596) ??1597) O período
272 de retiro no Espírito Santo marca o afastamento de Anchieta da política missionária, em um momento em que
273 ainda faz visitações, por todo o Brasil quinhentista, mas não recebe atribuições administrativas.

274 Anchieta observa o trabalho missionário, pelo qual tanto propugnou, em pleno funcionamento. Há a produção
275 de cartas e de obra poética, talvez a revisão de sua gramática, que é publicada em 1595, na tipografia de Coimbra,
276 uma publicação que coroa suas atividades missionárias ao longo de décadas no Brasil quinhentista.

277 Anchieta dedicou toda a sua vida às atividades missionárias na América portuguesa, tendo o reconhecimento
278 dos colonos europeus e da população indígena, segundo os relatos quinhentistas. Ainda que o processo de
279 colonização tenha registrado grandes violências, a mediação de Anchieta provavelmente reduziu os conflitos no
280 processo. Consta que milhares de indígenas participaram de suas exéquias no Espírito Santo, e logo após seu
281 falecimento foi aclamado como Apóstolo do Brasil (VIOTTI, 1980). Acreditamos que Anchieta, possivelmente,
282 revisou suas obras nesse período de sua vida, que já se encontravam coligidas em manuscritos, alguns que chegaram
283 à posteridade. Sua obra se preservou em manuscritos e edições, ao longo dos séculos, sendo um raro registro
284 documental sobre o início do processo de colonização linguística na América portuguesa. O fomento à prática
285 literária, como elemento central da educação humanística cristã da época do Renascimento, pode ser considerado
286 o início das Humanidades no Brasil quinhentista. Sua literatura, registrada em quatro línguas, preservou o
287 plurilinguismo daquela sociedade incipiente que derivou no Brasil que conhecemos. Anchieta, como homem de
288 letras, marca uma época do pensamento linguístico na História da Linguística no Brasil, cuja obra de maior

6 VII. O PERÍODO DE RETIRO E VISITAÇÕES NO

Se Pedro Nuñez estudou também com os dominicanos, no colégio de Tenerife, estando a educação desenvolvimentos da Universidade de Salamanca, à época, o corpus gramatical mais provável desse período histórico e tópos geográfico são as obras de Antonio de Nebrija, tanto a gramática vernacular de castelhano quanto a gramática latina *Introductiones latinae* 6

do colégio de Tenerife

[Note: 6 Nebrija publicou, entre outras obras: *Introductiones latinae* (1481), *Gramática de la lengua castellana* (1492), *Lexicon latino-castellanum et castellano-latinum* (1492-1495), *Reglas de ortografía española* (1517).]

Figure 1:

289 interesse para a História da Gramática no Brasil é a Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil,
290 publicada em 1595. ^{1 2 3}

¹HOFBAUER, 2006, p. 79-80: "Um dado importante que influenciaria as concepções ocidentais a respeito dos africanos foi, sem dúvida, a "descoberta" das ilhas atlânticas, onde os portugueses desenvolveriam aos poucos o protótipo da produção de açúcar -o "engenho", invenção que marcaria de forma decisiva os primórdios da colonização do Novo Mundo, e, consequentemente, também o rumo da "questão do negro". Em 1450, colonos portugueses começaram a plantar cana-de-açúcar na Ilha da Madeira. Nas plantações trabalhavam escravos guanches (nativos das Ilhas Canárias) e africanos, além de pessoas livres." e a família de Anchieta, radicada em The Grammar Corpus in the Horizon of Retrospection of S. José DeAnchieta, SJ (1534-1597) © 2020 Global Journals Volume XX Issue VII Version I

²VIOTTI, 1980, p. 27, sobre o pai de Anchieta, Juan Lopez de Anchieta: "Na capital dessas ilhas, Cidade de São Cristóvão da Laguna, onde se estabeleceu em 1522 e exerceu diversos ofícios públicos, veio a casar-se no ano de 1531 com a viúva do Bacharel Nuno Nuñez de Villavicencio, D. Mência Diaz de Clavijo y Llarena, parente próximo de conquistadores do Tenerife, e de sua esposa Ana Martin de Castillejo. Por seu avô materno, vinha a ser José de Anchieta bisneto outrossim de "cristãos-novos" (isto é convertidos do judaísmo) do Reino de Castela. Tais antecedentes justificam sua ida mais tarde para Coimbra".

³VIOTTI, 1980, p. 122-123. O período registrado em questão apresenta a continuação dos estudos teológicos em São Salvador, para a ordenação sacerdotal.

	institutionem necessarijs (1555) (KEMM- LER, 2013, p. 158).
? Pastrana, Juan de/ Rombo, Pedro: Grammatica pastrane [...]siue tractatus intitulatus: Thesaurus	IV. Anchieta No Brasil: O Período de Docência em São Paulo (1554- 1562)
pauperum siue speculum puerorum editum a magistro Johanne de pastrana (1497).	
? Rombo, Pedro: Materiarum editio ex baculo cecorum a petro rombo in artibus baccalario breuiter collecta (1497).	
? Martins, António: Antonij martini primi quondam huius artis pastrane in alma vniuersitate Ulixbonensi preceptoris, materierum editio a baculo cecorum breuiter collecta (1497).	
? Estevão Cavaleiro: Noua grammatices Marie matris dei virginis ars cuius author est magister Stephanus eques lusitanus (1516).	
? Máximo de Sousa: Institutiones tum lucide, tum compendiose latinarum literarum (1535).	
? Duarte Pinhel: Latinae Grammatices Compendia (1543).	
? Nicolau Clenardo: Jnstitutiones Grammaticae Latinae (1538).	

[Note: ? Jerónimo Cardoso: *Grammaticae introductiones breuiores & lucidiores [...] (1552)*. ? Jan van Pauteren: *Carmina Ioannis Despauterij De arte grammatica cum quibusdam alijs ad puerorum]*

Figure 2:

6 VII. O PERÍODO DE RETIRO E VISITAÇÕES NO

Anchieta, posteriormente, docente no novo colégio do Rio de Janeiro, que buscava repetir o êxito das atividades missionárias da Bahia, com afluência da educação conimbricense. VI. O Período Como Reitor No Rio De Janeiro E Provincial No Estado Do

Brasil (1570-1587) indígenas com os portugueses. Nessa época, constata que Anchieta teria ideias alizadas e escritas criticas o povo ema

O período subsequente se inicia quando

Anchieta atua como reitor no colégio jesuítico do Rio de

Janeiro, entre 1570 e 1573, período em que muitas das

obras líricas e dramáticas começam a ser compostas. Acreditamos que com o desenvolvimento dos cursos

novos materiais didáticos foram incorporados. Esse também é o período em que a gramática de Manuel Álva

-
- 291 [Ramalho ()] ‘A formação conimbricense de Anchieta’. A C Ramalho . *Humanitas* 1998. 50 p. .
- 292 [Swiggers ()] *A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização*. *Confluência -Revista do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português*, P Swiggers . 2013. 44 p. .
- 293 [Dias ()] *A política cultural da época de D*, Silva Dias , JS . 1969. . João III. Coimbra, Universidade de Coimbra
- 294 [Anchieta ()] J Anchieta . *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta*, SJ, (Rio de Janeiro) 1933. Civilização Brasileira. p. .
- 295 [Cavaliere ()] *Anchieta e a língua falada no Brasil do século XVI*. *Revista Portuguesa de Humanidades, Braga, Faculdade de Filosofia de Braga*, R Cavaliere . 2001. 5 p. .
- 296 [Viotti ()] *Anchieta, o apóstolo do Brasil*, H A Viotti . 1980. São Paulo, Loyola.
- 297 [Rodrigues ()] ‘Argumento e predicado em Tupinambá’. A Rodrigues . *Revista Brasileira De Linguística Antropológica* 2013. 3 (1) p. .
- 298 [Anchieta ()] *Arte de grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*, J Anchieta . 1595. Coimbra: António de Mariz.
- 299 [Anchieta ()] *Artes de gramática da língua mais usada na costa do Brasil. Introdução, estabelecimento de texto e notas de Armando Cardoso*, J Anchieta . 1990. São Paulo; Loyola.
- 300 [Miranda ()] ‘As artes do Real Colégio das Artes entre a sua matriz e outra’. M Miranda . *Biblio*s 2011. 9 p. .
- 301 [Ramalho ()] ‘Comentário à resposta do Prof. Leodegário Azevedo Filho’. A C Ramalho . 41/42. *Humanitas* 1989-1990. p. .
- 302 [Cavaliere ()] *Contato lingüístico no primeiro século da Colônia*. *Revista Portuguesa de Humanidades da Faculdade de Filosofia de Braga*, R Cavaliere . 2007. 11 p. .
- 303 [Cavaliere ()] ‘Gramaticografia da língua portuguesa no Brasil: tradição e inovação’. R Cavaliere . *Limite* 2012. 6 p. .
- 304 [Altman ()] *Historiografia da Linguística*, C Altman . 2019. São Paulo: Contexto.
- 305 [Leite ()] *História da Companhia de Jesus no Brasil*, S Leite . 1956. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional
- 306 [Batista ()] *Introdução à Historiografia da Linguística*, R O Batista . 2013. São Paulo, Cortez.
- 307 [Ramalho ()] ‘José de Anchieta em Coimbra’. A C Ramalho . *Humanitas* 1997. 49 p. .
- 308 [Kaltner ()] ‘Monumenta Anchietana, latinidade e o trabalho filológico de Armando Cardoso’. L F Kaltner . *Filologia e Linguística Portuguesa (Online)* 2019. 20 p. .
- 309 [Navarro (ed.) ()] *O ensino da gramática latina, grega e hebraica no Colégio das Artes de Coimbra no tempo de Anchieta*, E A Navarro . S T., PINHO (ed.) 2000. 1548-1998. Porto. p. . Fundação Eng. António de Almeida (Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra -Colégio das Artes da Universidade)
- 310 [Anchieta ()] *O teatro de Anchieta*, J Anchieta . 1977. São Paulo; Loyola.
- 311 [Pinho ()] *Orações de sapiência 1548-1555*. Coimbra, S T Pinho . 2011. Imprensa da Universidade de Coimbra
- 312 [Kemmler ()] ‘Para uma melhor compreensão da história da gramática em Portugal: a gramaticografia portuguesa à luz da gramaticografia latino-portuguesa nos séculos XV a XIX’. R Kemmler . *Veredas* 2013. 19 p. .
- 313 [Anchieta ()] *Poema da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus*, J Anchieta . 1988. São Paulo, Loyola.
- 314 [Anchieta ()] *Poemas eucarísticos e outros*, J Anchieta . 1975. São Paulo, Loyola.
- 315 [Koerner ()] ‘Questões que persistem em historiografia linguística’. E F K Koerner . *Revista da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística*, 1996. 2 p. .
- 316 [Zwartjes ()] ‘The description of the indigenous languages of Portuguese America by the jesuits during the colonial period: the impact of the latin grammar of Manuel Álvares’. O Zwartjes . *Historiographia Linguistica* 2002. 29 p. .
- 317 [Tannus ()] ‘Um olhar sobre a literatura novilatina em Portugal’. C A K Tannus . *Revista Calíope* 2007. 16 p. .
- 318 [Hofbauer ()] *Uma história do branqueamento ou o negro em questão*, A Hofbauer . 2006. São Paulo: Editora UNESP.
- 319 [Vasconcelos ()] *Vida do venerável padre José de Anchieta da Companhia de Jesus, taumaturgo do Novo Mundo na província do Brasil*, S Vasconcelos . 1672. Lisboa, Oficina de João da Costa.